

HOMICÍDIO JUSTIFICÁVEL

Cícero Burity

Férias, que tempo maravilhoso; não há horário definido para refeições, para acordar muito menos para dormir. Tudo são alegrias, pelo menos assim pensava Arnaldo naquele dia. O sol brilhava, a praia estava a poucos metros, tudo perfeito, mas como disse o poeta havia uma pedra no meio do caminho. Na verdade uma esposa.

A referida senhora adorava comprar e, principalmente, caminhar, caminhar... indefinidamente. E o pobre Arnaldo foi sutilmente arrastado a uma dessas maravilhosas e excitantes caminhadas.

Como toda rua de vendas, aquela tinha inúmeras lojas com vendedores sorrindo dispostos a estourar o limite do seu cartão, esvaziar a sua carteira e convencer que se você não comprasse aquela bolsa de palha sua vida estaria perdida e até o dia do juízo final você sentiria um incrível remorso por não compartilhar seu patrimônio com os irmãos.

- Vamos Arnaldo, é só uma caminhada e vai fazer bem ao seu coração.

Mas vai acabar com meu bolso, pensava o marido em silencioso desespero, seus olhos procuravam uma salvação, alguém com o olhar suspeito, um cachorro louco babando, um estouro de búfalos africanos, qualquer coisa serviria; mas tudo estava calmo, na mais perfeita harmonia, as lojas lá a mulher cá e o marido a acompanhá-la já resignado em seu posto de carregador e fiel escudeiro.

O tempo passa, as lojas, os metros, calor aumenta, cansaço, só uma coisa diminui o dinheiro que ele carregava e acabava de lembrar de mais uma coisa que diminuía lentamente e assim como um câncer, um problema cardíaco e o atacava em silêncio sem dó e com muita ferocidade e a cada vez que a mulher passava o cartão o suor corria frio.

O fim, o fim da rua Arnaldo não acreditava,mas estavam chegando ao fim da rua e que maravilha! Um carrinho de água de coco gelado e o melhor prêmio que ele

poderia querer naquele fatídico dia, um banco, tudo bem, era um banco de madeira, mas que diabos estava vago e ele poderia sentar-se e finalmente descansar.

Enquanto a mulher visitava a última loja ele deliciava-se com a água e descansava enquanto pensava no seu destino tão malfadado.

Pronto a visita a última loja terminara agora entraria num táxi e finalmente o hotel, a cama, essa palavra nunca teve uma conotação tão linda, poética e celestial como naquele momento foi quando ouviu a frase: “Agora vamos explorar o outro lado.”

Não aquilo já era abuso, pensava em desespero, por todos os deuses da preguiça não, não iria aceitar aquela situação, correria entraria em um táxi, mas ela o perseguiria e mais tarde não o deixaria dormir com suas reclamações. O que fazer era a pergunta que vinha a sua mente então pensou matá-la, qualquer juiz o absolveria, qualquer homem no mundo ficaria comovido com sua penúria, sua escravidão, aquele trabalho não remunerado de carregador, estudou muito para resignar-se com aquele papel. Já basta vou fazer aqui, e vai parecer um acidente um empurrão e zás era uma vez um escravo.

Sentiu um leve toque no seu ombro: “vamos logo Arnaldo ainda há muito para ver.

- Claro, meu bem, estava só pensando que presentes maravilhosos você poderia comprar.

- Presente ? que presente? - vou comprar é para mim.

Pensando bem poderia ser uma juíza e, com certeza, o condenaria a vagar eternamente pelas ruas acompanhando as mulheres solteiras; só uma dava para suportar.

Cícero Burity é professor e cronista.